

O Unicórnio de Tróia: Teoria Queer e Pedofilia, Parte I. | Dr Em

A Teoria Queer é baseada em uma interpretação do poder que alega que as crianças podem consentir em fazer sexo com adultos. O Dr. Em investiga.

Introdução

Quando vejo o termo 'feminista queer' ou 'feminismo queer', suspeito, talvez espero, que aqueles que usam esses descritores não tenham feito a leitura. Como afirma o velho provérbio "o caminho para o inferno está alinhado com boas intenções". Não creio que todos esses jovens acordados, instituições de caridade, instituições e festivais de artes apoiem estupros e pedofilia, limites de 'queering' e transgressão que feministas trabalharam incansavelmente para estabelecer.¹ No entanto, é para isso que a teoria queer visa.² Como Sarah Beresford analisou: 'O termo "Queer" ... é, por definição, o que está em desacordo com o normal, o legítimo e o dominante, e visa desestabilizar as idéias dominantes de identidade, seja essa sexual, de gênero ou étnica. , nacional e político e assim por diante'.³ Parece libertador e progressivo até lembrarmos que "o normal, o legítimo e o dominante" incluem a ideia de que os adultos não devem abusar sexualmente de crianças. Irritantemente, a reformulação do abuso sexual infantil e a liberação da pedofilia das margens da sociedade é uma ideia dominante na teoria queer. Embora tenha tentado se esconder sob o arco-íris e aproveitar a energia, a boa vontade e os ganhos de gays, lésbicas e bissexuais lutam há mais de décadas. A teoria queer é tudo menos progressiva. Na verdade, é totalmente contrário à atração pelo mesmo sexo. Como destaca a professora Alassandra Tanesini, um "traço característico da teoria queer é sua oposição a qualquer visão que trate a orientação sexual como algo que não seja socialmente construído".⁴ Assim, a atração pelo mesmo sexo se torna uma preferência que pode ser desaprendida ou lançada como intolerância por ser excludente. Isso é homofobia em um novo caso brilhante.⁵ Ao contrário da ideologia transgênero, sustentada pela teoria queer, a teoria queer tem proponentes-chave e um corpo de literatura que podemos interrogar. Esta série de ensaios analisará primeiro os fundamentos pós-modernos antes de passar para a teoria queer e a pedofilia.

Apoio pós-modernista da teoria queer

A teoria queer foi construída sobre as tradições filosóficas conhecidas como pós-estruturalismo e pós-modernismo. Michel Foucault foi o pai fundador dessa nova maneira de conceituar a realidade e a condição humana.⁶ Tamsin Spargo afirmou que a análise de Foucault das inter-relações entre conhecimento, poder e sexualidade foi o catalisador intelectual mais importante da teoria queer.⁷ Da mesma forma, Margaret A. McLaren afirmou que "o trabalho de Foucault foi fundamental para a teoria queer".⁸ Foucault apresentou a ideia de que o poder é relacional e onipresente. Em vez de ser ditado de cima, Foucault afirmou que o poder e a proibição eram móveis e

difundidos, sendo construídos através do discurso. Como Jane Clare Jones explicou, Foucault sugeriu "que regimes discursivos - como regimes de poder / conhecimento - produzam os assuntos que pretendem descrever".⁹

Na prática, isso significa que o dano do estupro, por exemplo, é como construímos discursivamente uma vítima e um ofensor, e não o ato físico do próprio estupro. Além disso, Foucault postulou que a noção de que estruturas reais ou fundamentais sustentavam eventos ou materiais como textos era uma falácia. A re-conceituação de Foucault da tríade do discurso, poder e conhecimento implicou um repensar da resistência. A transgressão de normas, e em particular as normas sexuais, tornou-se a única resposta ao castigo e à classificação, que, no pensamento foucaultiano, desafiariam a opressão e o poder. Embora o desafio de Foucault ao domínio heteronormativo tenha sido uma intervenção bem-vinda, a extensão de sua idéia de que todas as normas são ruins e libertar as sexualidades desviantes reprimidas é boa por si só e coloca sérios problemas.

As feministas tentaram desenvolver a norma cultural de que o estupro é ruim e que as crianças não podem consentir em atividades sexuais. Essas atividades - estupro e abuso sexual infantil - tornam-se reformuladas no pós-modernismo e, portanto, na teoria queer, como reprimidas e como uma transgressão de fronteiras, o que desafia o poder e ajuda a libertar o indivíduo. Por exemplo, Foucault apresentou a acusação de um molestador de crianças como uma intolerância coletiva mesquinha, em que o discurso constrói um agressor e uma vítima e exerce o poder do estado sobre um indivíduo. Foucault relatou como

Um dia, em 1867, um fazendeiro da vila de Lapcourt, que era um tanto simplório, trabalhava aqui e ali, dependendo da estação, vivendo lado a lado de uma pequena instituição de caridade ou em troca do pior tipo de trabalho, dormindo em celeiros e estábulos, foi entregue às autoridades. Na fronteira de um campo, ele havia recebido algumas carícias de uma garotinha, exatamente como havia feito antes e visto pelos ouriços da vila ao seu redor; pois, na beira da floresta, ou na vala da estrada que leva a Saint-Nicolas, eles jogavam o jogo familiar chamado 'leite coalhado'. Por isso, ele foi indicado pelos pais da menina ao prefeito da vila, relatado pelo prefeito aos policiais, liderados pelos policiais ao juiz, que o indiciou e o entregou primeiro a um médico, depois, a dois outros especialistas que não apenas escreveram o relatório, mas também o publicaram. Qual é o significado dessa história? A mesquinhez de tudo; o fato de que essa ocorrência cotidiana na vida da sexualidade da aldeia, esses prazeres bucólicos irrelevantes, poderia se tornar, a partir de um certo momento, o objeto não apenas de uma intolerância coletiva, mas também de uma ação judicial, uma intervenção judicial, uma intervenção médica, um exame clínico cuidadoso e uma elaboração teórica completa.¹⁰

O dano nesse cenário, segundo Foucault, foi a "investigação autoritária" que forçou a "idiota da vila" a falar em dar "alguns centavos às meninhas por favores que as mais velhas o recusaram".¹¹ JC Jones fornece mais informações sobre o tratamento de Foucault desse incidente de abuso sexual infantil. Ela detalha como

com a publicação de Abnormal - as palestras de 1974-75 no College de France - agora sabemos que o tratamento de Foucault do caso em The History of Sexuality não foi o primeiro. Nesta ocasião, ele dá mais detalhes sobre as 'carícias

obtidas' do que estava disposto a publicar, mantendo, no entanto, sua postura de ofuscação constante e assegurando ao público que o assunto "você verá ... é extremamente banal". ... O agricultor chamado - divertidamente Foucault imagina - Jouy, foi, nós aprendemos, "denunciado ... pelos pais de uma menininha que ele quase, parcialmente ou mais ou menos estuprou". O ataque ocorreu no "dia do festival da vila", quando "Jouy arrastou a jovem Sophie Adam (a menos que Sophie Adam tenha arrastado Charles Jouy) para a vala ao lado da estrada para Nancy. Aí aconteceu algo: quase estupro, talvez. Mas isso não é nada para se preocupar. Jouy, você ficará tranquilo,¹²

A violência sexual e o abuso infantil são "extremamente banais" para Foucault. Ele apresenta a doação de dinheiro comprando o consentimento da criança após o ato e, assim, mudando a realidade do evento. A noção de que mudar o discurso muda a experiência e a verdade é particularmente útil para a teoria queer, que promove os direitos sexuais e a pedofilia dos homens.

Apesar da suposta banalidade da atividade sexual adulta com crianças, Foucault continuou preocupado com a legislação sobre a idade do consentimento. Em 1977, Foucault assinou uma petição ao Parlamento francês, defendendo a abolição de toda a legislação referente à idade do consentimento, a legalização efetiva da pedofilia.¹³ Em 1978, Foucault participou de uma transmissão de rádio que mais uma vez argumentou que a legislação sobre a idade de consentimento deveria ser abolida e que a sexualidade das crianças e o suposto desejo de sexo com adultos deveriam ser reconhecidos. Publicado como 'O perigo da sexualidade infantil - uma entrevista com Michel Foucault', após a introdução de Foucault, Guy Hocquenghem resume a posição dos três pensadores:

Há seis meses, lançamos uma petição exigindo a revogação de vários artigos da lei, em particular os relativos a relações entre e descriminalização das relações entre adultos e menores de idade inferior a quinze anos. Muitas pessoas assinaram, pessoas pertencentes a uma ampla gama de posições políticas.¹⁴

Lá temos uma justificativa para a legalização da pedofilia com base em sua suposta popularidade. Esta transmissão de rádio também incluiu uma defesa surpreendente de vídeos de abuso sexual infantil. Hocquenghem argumentou que

Quando alguém diz que a pornografia infantil é o mais terrível dos escândalos atuais, não podemos deixar de ficar impressionados com a desproporção entre isso - pornografia infantil, que nem sequer é prostituição - e tudo o que está acontecendo no mundo hoje - o que a população negra tem a aturar nos Estados Unidos, por exemplo.¹⁵

Sim, nesta transmissão de rádio de uma conversa entre Foucault e dois de seus contemporâneos, está sendo argumentado que, porque os negros sofrem racismo nos Estados Unidos, o abuso sexual de crianças deve ser filmado e distribuído. A mente confunde. Foucault respondeu que 'a criança, com sua própria sexualidade, pode ter desejado aquele adulto, pode até ter consentido, pode até ter dado os primeiros passos. Podemos até concordar que foi ele quem seduziu o adulto 'e alegou que a legislação relativa às' relações entre a sexualidade infantil e adulta [era] extremamente

questionável'.¹⁶ Esse é o pai fundador do pós-modernismo e os fundamentos da teoria queer. Hocquenghem continuou a conversa alegando que

*Existe toda uma mistura de noções que torna possível fabricar essa noção de crime ou ofensa contra a decência ... que inclui as proibições religiosas relativas à sodomia e as noções completamente novas, às quais Michel Foucault acaba de se referir, sobre o que as pessoas pensam que sabem. da diferença total entre o mundo da criança e o mundo do adulto. Mas a tendência geral de hoje é indiscutivelmente não apenas fabricar um tipo de crime que é simplesmente a relação erótica ou sensual entre uma criança e um adulto.*¹⁷

Sim, esses homens argumentaram publicamente que adultos que penetram em crianças são um crime fabricado porque as pessoas são ignorantes e arrogantes ao afirmar a separação do mundo e a compreensão de uma criança e um adulto. Presume-se que sua próxima campanha seja para crianças primeiros-ministros, intelectuais infantis e, se precisarem de cuidados médicos, permitirão que uma criança faça isso? Quando os agressores sexuais argumentam que as crianças podem entender e desfrutar do sexo com adultos, nunca o levam a outros aspectos da vida. Essa noção de consentimento e foco da criança nas atividades relacionadas a seus órgãos genitais é algo que vemos transportado pela teoria queer no conceito de criança trans. Com tal pedigree intelectual, é de admirar que os sinos de alarme estejam tocando?

O terceiro orador, Jean Danet, oferece mais teorização sobre consentimento e pedofilia. A Danet defendeu que

*Quando dizemos que o problema do consentimento é bastante central em questões relacionadas à pedofilia, não estamos ... dizendo que o consentimento está sempre lá. Mas - e é aqui que se pode separar a atitude da lei em relação ao estupro e à pedofilia - no caso do estupro, os juízes consideram que existe uma presunção de consentimento da parte da mulher e que o oposto para ser demonstrado. Considerando que, no que diz respeito à pedofilia ... Considera-se que existe uma presunção de não consentimento, uma presunção de violência, mesmo em um caso em que nenhuma acusação de ato indecente com violência tenha sido feita, ou seja, com prazer consentido - porque deve-se dizer que esse ato sem violência é a tradução legal e repressiva do prazer consentido.*¹⁸

Há alguma projeção poderosa ocorrendo com a noção de "prazer consentido". Os dois são incomparáveis, as mulheres têm as faculdades adultas e o entendimento de se envolver em atividades sexuais, as crianças não. Foucault esclareceu que "uma barreira de idade estabelecida por lei não tem muito sentido. Mais uma vez, pode-se confiar que a criança diz se foi ou não vítima de violência".¹⁹ Foucault acrescenta sua opinião de que "supor que uma criança é incapaz de explicar o que aconteceu e foi incapaz de dar seu consentimento são dois abusos intoleráveis e inaceitáveis".²⁰ Ali está, o pai do pós-modernismo e o avô da teoria queer declaram que a idéia de que uma criança não pode consentir em atividade sexual com um adulto, não pode sancionar seu próprio abuso é 'intolerável' e 'inaceitável'. Como os pensadores que propõem tais idéias são louvados como gênios filosóficos? Essa reformulação do inaceitável e a noção de que a linguagem substitui a realidade foi o manto que a teoria queer deveria captar.

1. *A idade do consentimento e a legislação de estupro foram uma parte importante da agenda do feminismo da primeira onda. Ver JE Larson, "Até um verme se transformará finalmente": reforma do estupro na América do final do século XIX", Yale Journal of Law & the Humanities, vol. 9, n. 1 (janeiro de 1997), pp. 1-71.*
2. *JC Jones, 'Teoria Queer, feminismo foucaultiano e o apagamento das notas históricas do estupro para uma guerra atual', <https://janeclarejones.files.wordpress.com/2018/08/queerfoucault-feminismrape.pdf>*
3. *S. Beresford, 'A Era do Consentimento e o Fim da Teoria Queer', Laws (2014), 3, p. 763*
4. *A. Tanesini, Feminismo: Guia de Pesquisa Online das Bibliografias de Oxford (Oxford, Oxford University Press, 2010), p.12.*
5. *Minha análise da homofobia intrínseca da teoria queer é futura.*
6. *Veja: Dr. Em, 'Sex and Social Constructionism', pp. 7-9. <https://uncommongroundmedia.com/sex-and-social-constructionism-dr-em-banned-from-medium/>*
7. *T. Spargo, Postmodern Encounters: Foucault e Queer Theory (Icon Books, Cambridge, 2000), p. 8)*
8. *MA McLaren, Feminismo. Foucault e Embodied Subjectivity (Universidade Estadual de Nova York Press, Albany, 2002), p. 144*
9. *JC Jones, 'Teoria Queer, Feminismo Foucaultiano e o Apagamento de Notas Históricas do Estupro para uma Guerra Atual', p. 8 <https://janeclarejones.files.wordpress.com/2018/08/queerfoucault-feminismrape.pdf>*
10. *M. Foucault, A História da Sexualidade Volume I: Uma Introdução (Pantheon Books, Nova York, 1978), p. 31*
11. *ibid. p. 32)*
12. *JC Jones, 'Teoria Queer, feminismo foucaultiano e o apagamento das notas históricas do estupro para uma guerra atual', pp. 11-12. < <https://janeclarejones.files.wordpress.com/2018/08/queerfoucault-feminismrape.pdf>*
13. *LD Krizman (ed), Sexual Morality and the Law (Routledge, Londres, 1990), p. 275*
14. *"O perigo da sexualidade infantil", pp. 2 -3. O diálogo de Foucault com Guy Hocquenghem e Jean Danet, foi produzido por Roger Pillaudin e transmitido pela France Culture em 4 de abril de 1978. Foi publicado como "La Loi de la pudeur" em RECHERCHES 37, abril de 1979. Publicado pela primeira vez em inglês no Semiotexto (e) Revista (Nova York): Semiotexto (e) Série especial de intervenção 2: Meninos amorosos / filhos amorosos (verão de 1980), em tradução de Daniel Moshenberg. https://www.uib.no/sites/w3.uib.no/files/attachments/foucaultdangerchildsexuality_0.pdf*
15. *ibid. p. 3)*

16. *ibid.* pp. 7-8
17. *ibid.* p. 8
18. *ibid.* 14-15.
19. *ibid.* p.16.
20. *ibid.* p. 15

O Unicórnio de Tróia: QT e Pedofilia, Parte II. | Dr Em

Gayle Rubin, uma influente fundador da Queer Theory, acreditava que a pedofilia era uma orientação sexual. O Dr. Em foi banido do Medium. Nós hospedamos novamente seus trabalhos aqui.

A antropóloga cultural Gayle Rubin é considerada um dos principais teóricos da teoria queer e, como Foucault antes dela, defendeu a legalização e aceitação da pedofilia argumentando com base no consentimento da criança. A Universidade de Pittsburgh declarou que 'Poucos pensadores foram tão influentes na teoria feminista, nos estudos de gays e lésbicas e na teoria queer, quanto em Gayle Rubin' e que 'no final da década de 1970, ela talvez tenha sido a primeira a notar a importância de Michel História da sexualidade de Foucault, que uma década depois seria sem dúvida o trabalho mais influente sobre a teoria queer inicial'.¹ A Biblioteca da Universidade de Illinois postulou que o ensaio de Gayle Rubin, "Thinking Sex", é frequentemente identificado como um dos textos fundamentais, e continua a rejeição de Foucault às explicações biológicas da sexualidade, pensando na maneira como as identidades sexuais e os comportamentos são hierarquicamente organizados através de sistemas de classificação sexual".² Junto com Foucault, Rubin adotou uma abordagem construcionista da sexualidade. A abordagem construcionista tem sido útil nas críticas feministas radicais à sexualidade heteronormativa - a noção de que o sexo normal é quando o homem é dominante e a mulher submissa. Também apoiou efetivamente as críticas às relações heterossexuais usadas como padrão e pelas quais as relações gays e lésbicas foram empurradas para as margens desviantes. Portanto, há muito de bom em uma abordagem construcionista. No entanto, isso é ofuscado pelo apoio de Rubin à pedofilia. Rubin postulou que "a noção de que o sexo em si é prejudicial para os jovens foi transformada em extensas estruturas sociais e legais projetadas para isolar os menores do conhecimento e da experiência sexual".³ Rubin não está comemorando a lenta promulgação de leis projetadas para proteger as crianças de abuso sexual, ela as está condenando. Semelhante a Hocquenghem em conversa com Foucault, Rubin defendeu a legalização das imagens de abuso infantil. Ela afirmou que "embora o Supremo Tribunal também tenha decidido que é um direito constitucional possuir material obsceno para uso privado, algumas leis de pornografia infantil proíbem até a posse privada de qualquer material sexual que envolva menores".⁴ Segundo Rubin, restringir a pornografia infantil é na verdade um ataque às liberdades civis sexuais. Rubin afirmou que 'as leis produzidas pelo pânico da pornografia infantil são mal concebidas e mal direcionadas. Eles representam alterações de grande alcance na regulação do comportamento sexual e revogam importantes liberdades civis sexuais'.⁵ Se as sirenes ainda não estavam soando, Rubin apoia o NAMBLA, descrevendo como 'quase ninguém notou como [a legislação sobre abuso sexual infantil] varreu o Congresso e as legislaturas estaduais. Com exceção da Associação de Amores da América do Norte / Homem [amantes de meninos] também conhecidos como homens adultos que abusam sexualmente de crianças do sexo masculino) e da União Americana das Liberdades Civis, ninguém levantou um pio de protesto'.⁶ Será que não houve muita oposição às leis além dos pedófilos porque a maioria das pessoas pensa que o abuso infantil é errado? O fato de a maioria das pessoas

e legisladores estaduais posicionar o abuso sexual de crianças como errado significa que o pós-modernismo e a teoria queer o defenderão. A força motriz da filosofia é o desafio às normas sociais que são consideradas ruins porque são normas e a libertação daquilo que é considerado uma sexualidade desviante.

Posteriormente, Rubin descreveu homens adultos que abusam sexualmente de crianças do sexo masculino como tendo uma "orientação erótica" que deve ser defendida.⁷ Rubin afirmou que, porque esses homens adultos abusam sexualmente de meninos, a polícia festeja com eles 'e que em' vinte anos ou ... será muito mais fácil mostrar que esses homens foram vítimas de uma caça selvagem e imerecida à bruxa. Muitas pessoas ficarão constrangidas com a colaboração com essa perseguição'.⁸ Ao lado de retratar a pedofilia como uma sexualidade perseguida, Rubin está jogando o lado errado da história. Comentaristas como Owen Jones gostam tanto de criticar mulheres que defendem a realidade e os direitos sexuais. Rubin compara consistentemente objeção à pedofilia e objeção à homossexualidade. Ela argumenta que as leis de proteção à criança são semelhantes à legislação anti-gay. Essa ligação constante da homossexualidade com o abuso infantil, como se fossem a mesma coisa, é algo que considero repugnante no trabalho desse pesquisador. Os bibliotecários da Universidade de Illinois alegaram que Rubin demonstrou em seu ensaio "a maneira como certas expressões sexuais são mais valiosas que outras e, ao fazer isso, permite que os que estão fora desses parâmetros sejam oprimidos".⁹ A pedofilia é transformada por Rubin em uma sexualidade oprimida. Rubin considerou que "as castas sexuais mais desprezadas atualmente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo como prostitutas e modelos pornográficos, e o mais humilde de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais".¹⁰ A declaração de Rubin destaca como a tentativa de normalizar e 'libertar' a pedofilia, vinculando-a à normalização de 'travestivismo, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo' vem ocorrendo há vinte anos. Rubin reclamou que, no momento da redação deste artigo, no DSM-III 'fetichismo, sadismo, masoquismo, transexualismo, travestismo, exibicionismo, voyeurismo e pedofilia estão firmemente enraizados como defeitos psicológicos'.¹¹ Rubin comemorou que

*As sexualidades continuam saindo do Manual de Diagnóstico e Estatística e para as páginas da história social. Atualmente, vários outros grupos estão tentando imitar o sucesso dos homossexuais. Bissexuais, indivíduos sadomasoquistas que preferem encontros entre gerações [pedófilos], transexuais e travestis estão todos em vários estados de formação da comunidade e aquisição de identidade.*¹²

O trabalho de Rubin, uma peça seminal da teoria queer, destaca como existe uma agenda. Essa frase - "indivíduos sadomasoquistas que preferem encontros inter-gerais" - obscurece o horror do que ela quer normalizar; ela está descrevendo pessoas que torturam e abusam sexualmente de crianças. Rubin continua lamentando que "a lei é especialmente feroz em manter a fronteira entre a " inocência "da infância e a sexualidade" adulta ".¹³ Alguém poderia pensar que isso era positivo, bem não na teoria queer. Deve-se notar como Rubin colocou 'inocência' em vírgulas invertidas, isso afirma que as próprias crianças são ativas e desejam o próprio abuso. Nisto podemos detectar as ondulações do pensamento de Foucault. Finalmente, Rubin denuncia como "frequentemente os adultos que se desviam demais dos padrões convencionais de conduta sexual têm contato negado com os jovens, até os seus próprios".¹⁴ Em outras palavras, a legislação que proíbe os pedófilos de trabalhar com crianças, por exemplo, é uma força opressiva do Estado, de acordo com teóricos queer como Rubin. Que Rubin

parece que isso não é surpreendente. O dismantelamento de leis e normas culturais que proibem o reino sexual livre - como a pedofilia - e a remoção de fronteiras que restringem o acesso sexual masculino são motivações da teoria queer.

Um teórico queer que foi / é potencialmente colocado em um pedestal ainda mais alto que Rubin por adeptos da teoria queer é Pat Califia, ex-amante de Rubin. A professora de inglês da Universidade de Cardiff, Alessandra Tanesini, descreveu como 'Butler 1990 e Sedgwick 2008 são frequentemente considerados as declarações fundadoras no campo [da teoria queer]', mas 'igualmente importante é o Califia 2000, que oferece uma defesa libertária radical sadomasoquismo, sexo intergeracional e pornografia ".¹⁵ Ali está, ousado como o bronze, através das obras do sadomasoquismo da Califórnia, a pedofilia e a pornografia são reconhecidas como fundamentais para a teoria queer. É importante notar que os acadêmicos sabem que o Califia promoveu a pedofilia, mas não consideram isso um problema e continuam a ensinar seus trabalhos aos alunos como uma nova e corajosa maneira de pensar. Linda LeMoncheck também recomenda elogios 'Para uma excelente visão geral da posição dos radicais sexuais sobre pedofilia, s / m e outros padrões de diferença sexual, consulte Pat Califia, *Public Sex*'.¹⁶ Portanto, seguindo o conselho de LeMoncheck, é agora para o *Sexo em Público* da Califia.

1. Sexualidade e Mulheres, Universidade de Pittsburgh <http://www.gsws.pitt.edu/events/reading-group-gayle-rubin> [Acesso em 25/04/2019].
2. `` Queer Theory: Background ", *Biblioteca da Universidade de Illinois* (18 de setembro de 2018), <https://guides.library.illinois.edu/queertheory/background> .
3. GS Rubin, 'Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality', em: RG Parker e P. Aggleton (eds.), *Cultura, Sociedade e Sexualidade: A Reader* (Psychology Press, 1999), p. 144
4. *ibid.* p. 146
5. *ibid.*
6. *ibid.*
7. GS Rubin, 'Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality', em: RG Parker e P. Aggleton (eds.), *Cultura, Sociedade e Sexualidade: A Reader* (Psychology Press, 1999), p. 147
8. *ibid.*
9. 'Teoria Queer: Uma Introdução Bruta', *Biblioteca da Universidade de Illinois* (18 de setembro de 2018), <https://guides.library.illinois.edu/queertheory/background> . [Acesso em 06 de junho de 2019].
10. GS Rubin, 'Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality', em: RG Parker e P. Aggleton (eds.), *Cultura, Sociedade e Sexualidade: A Reader* (Psychology Press, 1999), p. 151
11. *ibid.*
12. *ibid.* p. 156
13. *ibid.* p. 158
14. *ibid.* p.159.
15. A. Tanesini, *Feminismo: Guia de Pesquisa Online das Bibliografias de Oxford* (Oxford, Oxford University Press, 2010), p.12
16. L. LeMoncheck, *Loose Women, Lecherous Men: A Feminist Philosophy of Sex* (Oxford, Oxford University Press, 1997), p. 239, fn. 90

O Unicórnio de Tróia: QT e Pedofilia, Parte III. | Dr Em

Pat Califia, um "titã" da Teoria Queer, defendeu consistentemente a legalização e normalização da pedofilia. O Dr. Em foi banido do Medium. Nós hospedamos novamente seus trabalhos aqui.

Califia

Califia descreveu *Public Sex* como representando 'a maior parte do meu trabalho de não-ficção de 1979 até o presente. É uma década e meia de fúria e repreensão sobre repressão e censura sexual, gabando-me da minha busca por uma maneira cada vez mais proibida de ter um orgasmo'.¹ Parece emocionante, no entanto, é no início do texto que Califia introduz as idéias de uma 'lésbica transgênero' (uma lésbica com um pênis) e 'sexo entre gerações' - também conhecido como pedofilia.² Califia então cita Jonathan Katz, um acadêmico e ativista estranho, e Jeffery Weeks, e normaliza a pedofilia alegando que seus trabalhos 'foram especialmente úteis e informativos'.³ Para deixar claro com quem Califia estava aprendendo, aqui está Weeks sendo reconhecido pelo ex-vice-presidente da PIE Warren Middleton em um texto pró-pedofilia:

THE BETRAYAL OF YOUTH

RADICAL PERSPECTIVES
ON CHILDHOOD SEXUALITY,
INTERGENERATIONAL SEX,
AND THE SOCIAL OPPRESSION
OF CHILDREN AND YOUNG PEOPLE

EDITED BY WARREN MIDDLETON

(aka John Parratt, former vice-chair of the Paedophile Information Exchange and editor of *Understanding Paedophilia*, who was later jailed for possession of indecent images).

ACKNOWLEDGEMENTS

While this book was in preparation, I received substantial help, support and encouragement from a number of people, and these deserve at least some mention.

Firstly, my gratitude must go to Dr. Kenneth Plummer of Essex University, Dr. Brian Taylor of Sussex University, and Mr. John Hart of Sheffield City Polytechnic for their warm messages of support.

For displaying the qualities of patience and understanding, I would like to thank Chris and Jayne Hobbs, and all members of my own staff at work. For the use of various facilities and comforts, I am indebted to my mother and father who, likewise, showed great understanding.

Several people read the typescripts, made useful suggestions, and, where necessary, grammatical corrections. In this context, my thanks go to Steven Smith and other members of the now defunct PIE EC, Dr. Jeffrey Weeks, Nellie Pollard (former chairperson of the gay rights subcommittee of the NCCL), John Bradshaw, Frank Torrey, Marshall Cameron (the feminist writer), and Brian Price (an authority on the Victorian pedophile artist, Henry Scott Tuke).

As with every work of this nature, there are always contributions which, because of lack of space or other reasons, cannot be used. Where this has happened, I have tried to incorporate the best ideas within them into the book. In this respect, I am grateful to Peter Coell (an ex-director of the old GAY NEWS), John Auchincloss, David Joy, Tony Zalewski, Mike Williams and Dr. Peter Bremner (the last four ex-members of PIE's EC), Tim Brown (formerly of CAPA), Dr. Carl Berry, Keith

Em 'Nenhuma questão menor: idade de consentimento, pornografia infantil e relacionamentos entre gerações', escrita em 2000, Califia admite que ele / ela pensava que todas as leis de idade de consentimento deveriam ser revogadas.⁴ Califia, em seguida, detalha a disponibilidade de imagens de abuso infantil e lamenta "a aprovação de leis federais de 1977 contra [imagens de abuso infantil]", que teriam "sugerido que desaparecesse das prateleiras das estantes de livros para adultos".⁵ Quem está triste com o fato de que as imagens de abuso sexual infantil seriam mais difíceis de acessar? Califia expressou consternação pelo fato de que "feministas antipornistas e policiais e políticos antigay continuaram a falar sobre a crescente ameaça da pornografia infantil".⁶ Essas horríveis feministas anti-pornô que fazem campanha contra o abuso sexual infantil, que diabólico. Califia então tentou apresentar objeções à pedofilia como uma forma de homofobia e reclamou que 'no final dos anos 70, pornografia infantil e leis estatutárias de estupro foram aplicadas de forma desproporcional contra gays que faziam sexo com adolescentes do sexo masculino'.⁷ Se parece que você já ouviu essa história antes, lembre-se de que estamos assistindo feministas sendo atacadas e rotuladas como transfóbicas por apoiar a guarda de crianças. Para voltar ao passado, Califia comemorou que 'conhecia vários homens gays que se chamavam orgulhosamente amantes de meninos', que socialmente se misturava com pedófilos e descreveu o abuso sexual infantil como 'iniciação erótica'.⁸ Para repetir, essa é uma das pessoas consideradas um titã da teoria queer. Significativamente, Califia argumentou que "o que os policiais chamavam de" proteger crianças "parecia uma repressão à juventude queer". Esses argumentos estão de volta, pois vemos as políticas de proteção à criança descritas como 'transfobia'.⁹ Como vemos nos atuais debates sobre transgêneros, as postagens dos objetivos foram então alteradas. Na página 59, Califia compara adolescentes que fazem sexo um com o outro com adultos que abusam sexualmente de crianças. Califia comparou a oposição ao ensino de crianças e adolescentes que a pedofilia era uma experiência sexual aceitável, se não potencialmente desejável, com a educação sexual exclusiva da abstinência, promovida pela direita cristã. Certamente existe uma posição intermediária? As feministas conseguem argumentar por educação sobre sexo e relacionamento sem promover a pedofilia para crianças e adolescentes. A teoria queer é uma filosofia dos argumentos do homem de palha que, eventualmente, chega à criança que decide ser abusada.

Paralelamente, seus argumentos pró-pedofilia publicados no *Public Sex* ao longo de sua carreira, na Califórnia, consistentemente defendiam a legalização e normalização da pedofilia. O artigo da Califia 'Feminismo, Pedofilia e Direitos da Criança', publicado pela primeira vez na revista pedófila agora proibida - Paidika - está atualmente hospedado em um site pró-pedofilia.¹⁰ Califia não estava apenas ciente, mas animada, de que seu trabalho seria publicado em uma revista europeia de pedofilia. Califia declarou que esta peça 'será traduzida para o holandês e publicada no exterior em uma edição especial da Paidika sobre mulheres e pedofilia' e que 'eu apoio a Paidika e gosto de trabalhar com os editores desta edição especial'.¹¹ Aí, Califórnia, considerado um titã da teoria queer, declarou publicamente que apoiava pedófilos. Pelo menos Califia, ao contrário de Rubin, admitiu que a maioria das pessoas gays e lésbicas não quer ter nada a ver com abuso sexual infantil em sua declaração de que sabia que provavelmente não poderia obter nada sobre esse tópico publicado hoje na imprensa americana de gays e lésbicas'.¹² Hurrah! Califia deu o tom do artigo desde o início, explicando que "em 1980 publiquei um artigo de duas partes no *The Advocate*, criticando as leis de idade de consentimento americanas", ajudando assim a mudar a janela de Overton.¹³ Quando a teoria queer converge com a legislação, isso parece razoável. Comentando sobre parte

da razão pela qual as feministas abominam a Califórnia, ela lamentou que 'Doc e Fluff, meu recente romance de ficção científica, foram banidos por algumas livrarias femininas porque, supostamente, representa um relacionamento entre gerações de lésbicas, e eu tenho atacado como "um defensor do abuso sexual de crianças" na imprensa feminista'.¹⁴ Observe esse termo novamente 'entre gerações', o que eu ouço; sinos de alarme. Califia argumentou que 'a campanha do governo americano contra os direitos sexuais dos jovens tem sido tão bem-sucedida que a maioria dos gays, lésbicas e feministas está convencida de que o movimento para revogar as leis de consentimento não passou de uma tentativa de garantir rapidez adultos o direito a crianças vulneráveis'.

¹⁵ sim. Corrigir. No entanto, a maioria das pessoas e feministas entende os malefícios do abuso sexual infantil sem ser ensinado pelo governo americano. Califia afirmou que, em sua recusa em aceitar o NAMBLA em seu movimento "A comunidade gay adulta aqui cortou sua próxima geração".

¹⁶ Não, está protegendo crianças de abuso sexual. Califia afirmou que "conheço muito poucas lésbicas e ainda menos homens gays, que esperaram até os dezoito anos para sair".^{17A} idade de sair não deve abrir uma para o abuso sexual. É digno de nota que Califia não critica que gays e lésbicas tenham que sair porque o heterossexual é culturalmente considerado "normal". Califia então argumentou que o abuso sexual infantil é desejado pela criança, alegando que "muitos de nós sabíamos bem antes da puberdade que queríamos ser íntimos ou sexuais com membros de nosso próprio sexo".¹⁸ Califia afirmou que "a maioria das ativistas americanas pelos direitos dos gays e feministas lésbicas demonstram" suspeita e ódio "" pela pedofilia ".¹⁹ Sim, marque, correto. Finalmente, um teórico estranho admitiu que a pedofilia não é bem-vinda no arco-íris.

Teóricos queer, como Califia, reformularam o feminismo como um movimento de pureza social devido à defesa do feminismo das fronteiras das mulheres e das meninas.²⁰ Califia afirmou que o 'movimento antipornista feminista espelhava um crescente conservadorismo na sociedade americana sobre todos os assuntos sexuais. À medida que as condições econômicas aqui pioravam, as pessoas começaram a procurar "valores tradicionais" para proporcionar uma sensação de segurança e proteção".

²¹ As conotações e conexões que Califia estava desenhando são claras. Califia lamentou que suas críticas feministas a tivessem caracterizado como "um pervertido e defensor de estupro, agressão e abuso infantil".²² Bem, se você não deseja ser caracterizado como tal, não defenda isso. Não obstante, a Califia, como defensora da teoria queer, terá necessariamente de apoiar o 'queering' dos limites sexuais tão bom por si só. De fato, as duas teorias - feminismo e queer - são totalmente opostas. A Califia e a teoria queer não foram atacadas apenas por feministas, mas estão tão obviamente falidas moralmente que até os inimigos do feminismo - conservadores - expressaram sentimentos semelhantes. Califia respondeu a esses críticos que "o pânico sobre a pornografia infantil e a pedofilia que assola a sociedade americana desde os anos 70 é uma parte inseparável da negação da sociedade às deficiências e falhas da família". Não, eu também não entendo o link, nem sua declaração é justificada no texto. O argumento de Califia de que muitas crianças são assassinadas por suas famílias não explica por que a pornografia infantil não é ruim (dica, pornografia infantil é ruim e Califia está errado). Califia então tentou alinhar a pró-pedofilia e a teoria queer com movimentos genuinamente progressivos. Califia argumentou que "as cruzadas morais também foram usadas para atacar o feminismo e os direitos dos gays, e nenhum desses movimentos progressistas teve muito sucesso em se defender de tais ataques ou em apresentar uma

análise completa deles".²³ Apesar da condenação anterior do feminismo e da admissão de que advogar por abuso sexual infantil não é bem-vindo e não está relacionado ao movimento dos direitos de gays e lésbicas, a teoria queer, proposta pela Califia, continuou a se esconder sob o feminismo e o arco-íris.

Remanescente da transmissão de rádio de uma conversa entre Foucault, Hocquenghem e Danet e no trabalho de Rubin, na Califórnia, defendeu a legalização e normalização das imagens de abuso sexual infantil. Califia reclamou que "a pornografia infantil é uma categoria especial no direito americano desde 1977" e argumentou que a homofobia, particularmente a campanha legal de Anita Bryant, é a razão pela qual as imagens de abuso sexual infantil são proibidas.²⁴ Mais uma vez, um teórico estranho associou os direitos dos gays ao direito de abusar sexualmente de crianças. Foi e é um argumento terrível de se fazer. Na próxima seção, Califia tentou minimizar os danos causados pelo abuso sexual infantil, descrevendo-o como 'pornografia infantil'. Vamos chamá-lo como é - o estupro e abuso de uma criança causando dor horrível. Em uma das únicas seções do trabalho de Califia que posso discernir quaisquer argumentos inovadores, Califia alegou que os Correios estavam mirando pessoas gays em uma enorme conspiração.²⁵ É bastante a leitura. Segundo Califia, o governo e as feministas norte-americanas não estavam tentando remover o flagelo das imagens de abuso infantil, mas estavam se esforçando para fazer valer os valores tradicionais e a pureza social. Este é um gigante da teoria queer: a Califia, em seus vários argumentos, sugeria que as feministas estavam ligadas aos Correios em uma grande conspiração homofóbica. Califia reclamou que

Os Correios têm como alvo pessoas que tiveram a infelicidade de ter desembarcado em listas de discussão compiladas pela Alfândega dos EUA. Essas listas vêm de várias fontes. Quando empresas pornô adultas são invadidas, as autoridades também confiscam suas listas de correspondência ... Os Correios e a Alfândega acompanham as pessoas que encomendam material sexualmente explícito pelo correio. A polícia até confiscou a lista de membros de um quadro de avisos gay de computadores que foi fechado porque seu operador foi acusado de violar leis de idade de consentimento. Os Correios, em seguida, realizam campanhas de mala direta solicitando pedidos de pornografia infantil ... Às vezes, os agentes da lei tornam-se amigos, fingindo ser pedófilos ou crianças sexualmente ativas, e solicitam que seus correspondentes enviem ou recebam pornografia infantil pelo correio. Se os indivíduos visados agarrarem a isca, eles serão presos'.²⁶

Sim, Califia acha que a prisão de pedófilos é o problema. Califia objetou que "a sociedade americana se tornou raivosamente fóbica sobre qualquer contato sexual entre adultos e menores".²⁷ O uso do termo 'fóbico' é impressionante. Isso opõe-se ao abuso sexual infantil, baseado em um medo irracional, com o problema sendo colocado diretamente entre os que se opõem. Para reforçar esse reenquadramento de objeções ao abuso sexual infantil como histérico, ao longo do artigo e sem sinal, Califia alternou entre falar sobre o abuso sexual de crianças e a atividade sexual de adolescentes. Foi uma tentativa calculada de ocultar o argumento de que os adultos deveriam ter sexo com crianças. Em outro movimento de ocultação, Califia afirmou que "o feminismo lésbico supostamente capacita as mulheres, mas relutamos em ver as experiências sexuais de jovens como qualquer coisa, menos vitimização".²⁸ Califia está argumentando que as meninas devem ser vistas como agentes de seus próprios abusos e mascarando o fato de que 98% dos agressores sexuais são homens e a maioria é heterossexual.²⁹ É isso que a teoria queer faz, ofusca vítima e agressor, renomeia o abuso como agência e, quando

essa camuflagem não funciona, recorre à noção originalmente adotada por Foucault de que o poder existe através do discurso e que não há realidade fora da narrativa. . A teoria queer é mais fumaça e espelhos do que filosofia. Poof, o abuso desapareceu.

Tão previsível quanto o sol nascerá, Califia argumentou que os adultos opostos que abusam sexualmente dos menores de idade são consentidos. Califia argumentou que "damos uma palestra para o confronto com o envelhecimento, mas na verdade não incluímos mulheres lésbicas e bissexuais menores de idade em nossa comunidade".³⁰ Califia tentou atrapalhar o assunto mais uma vez, obscurecendo o fato de 98% das pessoas que abusam sexualmente de crianças são do sexo masculino. Califia apelou ao sentimento e argumentou que 'os diques de adolescentes deveriam experimentar sexual e romanticamente um com o outro. Mas quando estão presos em escolas, bairros ... onde ser chamado de esquisito é alvo de assédio e assalto quantas jovens lésbicas podem se dar ao luxo de sair ou procurar outras pessoas como elas mesmas? '.³¹ Em vez de visar a cultura de bullying e não aceitação, a Califia visa as leis de idade para consentimento e proteção à criança. Vai saber. Depois de passar um artigo inteiro lamentando a interferência do Estado na vida dos cidadãos e na atividade sexual infantil, Califia faz uma notável reviravolta. Califia propôs que 'o Estado não está disposto a tomar as medidas radicais necessárias para proteger crianças vítimas de adultos abusivos. Isso significaria desafiar a propriedade dos pais pelos filhos. Significaria fornecer alternativas viáveis para a família '.³² Essa afirmação é

arrepiante. A Califia está cansada de os pais protegerem seus filhos de abuso sexual e propõe uma perda de custódia. Essa reversão repentina em relação à intervenção estatal destaca o vazio da teoria queer e seus princípios inconstantes. A teoria queer se contorce e distorce para promover os direitos sexuais dos homens por qualquer argumento necessário.

O coletivo on-line Pedophile forneceu uma nota de esperança depois. Eles relatam que 'Na 2ª Edição de Sexo em Público de Pat Califia, A Cultura do Sexo Radical, ela expressa uma triste mudança de postura. A partir de 2000, ela não aceita mais a possibilidade de crianças pré-adolescentes e muitos jovens adolescentes consentirem em contatos eróticos ou sexuais com adultos. "Ela se tornou muito mais cínica em relação aos adultos e sua capacidade de ouvir as crianças, e agora, como mãe, pensa mais em termos de priorizar o bem-estar da criança do que em consentir". A frase "tornar o bem-estar da criança uma prioridade do que o consentimento", para mim, sugere que Califia e o coletivo de pedófilos reconhecem o dano e que qualquer "consentimento" seja coagido e ilusório. No entanto, a influência da teoria queer envenenou uma onda de feminismo. Por exemplo,³³ Isso ressalta o quão destrutiva e oca é uma teoria queer da filosofia. A teoria queer é a reação definitiva contra o feminismo.

1. P. Califia, *Sexo em Público: A Cultura do Sexo Radical*, 2ª Edição (San Francisco, Cleis Press, 2000), p. xii.
2. *ibid.* pp. xvi - xvii.
3. *ibid.* p. xx.
4. P. Califia, *Sexo em Público: A Cultura do Sexo Radical*, 2ª Edição (San Francisco, Cleis Press, 2000), pp. 55–56.
5. *ibid.* p. 56
6. *ibid.*
7. *ibid.*
8. *ibid.*
9. *ibid.*
10. P. Califia, 'Feminism, Pedophilia, and Children Rights', *Paidika* (1991), e em *The Culture of Radical Sex* (1994). https://www.ipce.info/ipceweb/Library/califa_feminism.htm [Acessado em 30 de março de 2019].
11. *ibid.*
12. *ibid.*
13. P. Califia, 'Feminism, Pedophilia, and Children Rights', *Paidika* (1991), e em *The Culture of Radical Sex* (1994). https://www.ipce.info/ipceweb/Library/califa_feminism.htm [Acessado em 30 de março de 2019].
14. *ibid.*
15. *ibid.*
16. *ibid.*
17. *ibid.*
18. *ibid.*
19. *ibid.*
20. *ibid.*
21. *ibid.*
22. *ibid.*
23. *ibid.*
24. *ibid.*
25. *ibid.*
26. *ibid.*
27. *ibid.*
28. *ibid.*
29. <https://stopabusecampaign.org/2017/03/10/most-sex-abusers-are-heterosexual/>
30. *ibid.*
31. *ibid.*
32. *ibid.*
33. S. Beresford, 'A Era do Consentimento e o Fim da Teoria Queer', *Laws* (2014), 3, p. 769

O Unicórnio de Tróia: QT e Pedofilia, Parte IV. | Dr Em

Judith Butler, moderna guru da Queer Theory, defendeu o incesto e lutou para entender as noções feministas de consentimento. O Dr. Em investiga.

Judith Butler

Assumindo o poder de liderar essa reação contra o feminismo estava a alta sacerdotisa da teoria queer - Judith Butler - que, sem surpresa, defendeu o incesto. Além disso, ela fez isso sem fazer uma única referência ao fato de que a maioria dos abusos sexuais familiares de crianças é de um homem em relação a uma criança do sexo feminino. Em vez disso, ela usou a teoria queer para afirmar que, ao negar o incesto e legislar contra ele, os estados estavam impondo a heterossexualidade. Em seu triunfo e magnum opus de flimflam - *Gender Trouble* - Butler postulou que “o tabu do incesto é a lei jurídica que se diz proibir desejos incestuosos e construir certas subjetividades de gênero através do mecanismo de identificação compulsória. Mas, o que é garantir a universalidade ou necessidade dessa lei?¹ A necessidade da lei contra o incesto é o dano que o abuso sexual infantil e, em particular, o abuso sexual intrafamiliar, causa ao jovem sobrevivente. A lei também é necessária por causa da prevalência. Um estudo realizado pelo Office of the Children's Commissioner no Reino Unido constatou que 'existem evidências consideráveis para sugerir que uma quantidade substancial de abuso sexual infantil é cometida por parentes próximos ou conhecidos da vítima. As vítimas podem ser meninos e meninas, mas a maioria das vítimas é conhecida por meninas.² Os pesquisadores do Comissário da Infância delinearam ainda mais as 'evidências recentes de que o jovem' típico 'com comportamento sexualmente prejudicial é um homem branco que cometeu a IFCSA contra crianças (mulheres e homens) que são membros da família'.³ Esses jovens abusadores e estupradores sexuais brancos se tornarão estupradores adultos e podem contar com o apoio de teóricos queer que defendem a transgressão de fronteiras e normas sexuais. Essa é uma das razões pelas quais esse movimento de direitos sexuais dos homens - a teoria queer - se opõe diametralmente ao feminismo. O reconhecimento e a proibição cultural e legal contra o incesto como forma de abuso sexual infantil foram uma causa defendida por feministas da segunda onda, as que hoje chamavam de 'terfs'. Louise Armstrong analisou como 'a questão do incesto ... nasceu do movimento de mulheres nos EUA, que é uma questão política, uma questão de violência contra mulheres e crianças, uma questão que pertence ao feminismo'.⁴ Da mesma forma, Gillian Harkins descreveu como 'as pesquisadoras feministas quebraram' o silêncio 'dessa conspiração patriarcal quando documentaram o incesto como uma forma comum de abuso sexual infantil ... o próximo passo ... era usar essa pesquisa para intervir na justiça criminal e na criança. domínios de proteção'.⁵ Antes da agitação feminista na década de 1970, "o incesto havia sido tratado como uma violação isolada da aliança adequada e da conduta normativa", era coberto por leis conjugais e não por estupro.⁶ A recodificação do incesto como estupro por feministas é o que Butler e outros teóricos queer estão lutando.

Além de se opor às restrições legais contra o abuso sexual intrafamiliar de crianças, Butler alegou que a lei contra o incesto produz incesto e o desejo de abusar sexualmente de crianças. Butler argumentou em relação ao tabu do incesto que "não apenas proíbe e dita a sexualidade de certas formas, mas produz uma variedade de desejos e identidades substitutos".⁷ Como Butler chega a esse argumento? Bem, como ela explica, 'se estendermos a crítica foucaultiana ao tabu do incesto ... o tabu pode ser entendido como criando e sustentando a mãe / pai, bem como a substituição compulsória desse desejo'.⁸ Butler ocultou o fato de que, na maioria dos casos de abuso sexual incestuoso de crianças, os agressores são parentes do sexo masculino que abusam sexualmente de crianças do sexo feminino; ela pressionou o desejo de abuso para a criança. Pesquisas americanas mostraram que, quanto mais jovem a vítima, maior a probabilidade de o agressor ser um membro da família e a de 'aqueles que molestam uma criança com menos de seis anos, 50% eram membros da família. Os membros da família também foram responsáveis por 23% das pessoas que abusam de crianças de 12 a 17 anos'.⁹ Apesar desses fatos, Butler promoveu 'a legitimidade e legalidade das zonas públicas de troca sexual, **sexo entre gerações**, adoção fora do casamento, maior pesquisa e teste para políticas de aids e transgêneros'.¹⁰ Este é um exemplo de como os teóricos queer imprimem a defesa da pedofilia ou incestam entre argumentos legítimos para o avanço dos direitos de gays e lésbicas. Isso é feito para legitimar os argumentos a favor do abuso sexual infantil e torná-los mais difíceis de combater.

Os pensamentos de Butler sobre consentimento sexual devem ser lidos com sua defesa do incesto em mente. Butler propôs em termos gerais que o consentimento era problemático porque às vezes "eles consentiram, mas não gostam disso".¹¹ A culpa é da vítima do padrão ouro e nega o conceito feminista de um consentimento negociado em andamento. As crianças podem consentir nas atividades porque não entendem as implicações, foram coagidas, preparadas ou simplesmente devido às diferenças de poder entre uma criança e um adulto mais velho. As crianças são preparadas socialmente para fazer o que lhes dizem se a instrução for de uma figura de autoridade, como um dos pais. O consentimento é ilusório. Embora tenha falado sobre consentimento sexual, Butler passou o parágrafo explicativo pensando em consentir enquanto passava pela porta do escritório de um analista e argumentou que 'em outras palavras, uma vez que alguém pode "ter problemas" com o consentimento que se tornam materiais em uma sessão analítica, essa pessoa tem também estabelecido o problema da transferência consentindo em entrar pela porta do escritório do analista'.¹² Eu argumentaria que o consentimento sexual e o consentimento para entrar fisicamente no corpo não são marginalmente, mas esmagadoramente diferentes para consentir em entrar em uma sessão de aconselhamento. Argumentar o propósito cruzado é uma tática comum de Butler e outros teóricos queer para confundir o leitor e mascarar o que eles estão realmente dizendo. A idéia que Butler propõe, 'que a pessoa também estabeleceu o problema da transferência consentindo em entrar pela porta do escritório do analista', não pode ser considerada feminista.¹³ Em contraste com Butler, as feministas argumentam que, só porque alguém atravessou a porta que não significa que todo consentimento foi transferido, consentiu em atos específicos e o consentimento pode terminar a qualquer momento. Butler é fundamental para a teoria queer e mostra como a teoria queer é anti-feminista.

1. J. Butler, *Gender Trouble* (Londres, Routledge, 2000), p. 96
2. Miranda AH Horvath, Julia C. Davidson, Julie Grove-Hills, Anna Gekoski e Clare Choak, Gabinete do Comissário Infantil, “É uma jornada solitária”: uma avaliação rápida de evidências sobre abuso sexual infantil intrafamiliar '(junho de 2017), p . 15. <https://www.childrenscommissioner.gov.uk/wp-content/uploads/2017/07/Its-a-lonely-journey-REA-on-Intrafamilial-child-sexual-abuse.pdf> .
3. ibid. 11-12.
4. L. Armstrong, "Incesto: uma questão central feminista que precisa ser politizada novamente" (2003), *Vancouver Rape Relief & Women's Shelter*, <https://www.rapereliefshelter.bc.ca/learn/resources/incest-feminist-core-questão-precisa-re-politizar-louise-armstrong-0> .
5. G. Harkins, *Romance familiar de todos: leitura de incesto na América neoliberal* (Londres, University of Minnesota Press, 2009), p. 59
6. ibid. p. 60
7. J. Butler, *Gender Trouble* (Londres, Routledge, 2000), p. 97
8. ibid.
9. *Darkness to Light*, 'Estatísticas de abuso sexual infantil', p. 13 https://www.d2l.org/wp-content/uploads/2017/01/all_statistics_20150619.pdf
10. J. Butler, *Gender Trouble* (Londres, Routledge, 2000), p. 160, meu encorajador.
11. J. Butler, 'Consentimento Sexual: Alguns Pensamentos em Psicanálise e Direito', *Columbia Journal of Gender and Law* , Volume 21, Número 2 (2011), resumo.
12. J. Butler, 'Consentimento Sexual: Alguns Pensamentos em Psicanálise e Direito', *Columbia Journal of Gender and Law* , Volume 21, Número 2 (2011), resumo.
13. J. Butler, 'Consentimento Sexual: Alguns Pensamentos em Psicanálise e Direito', *Columbia Journal of Gender and Law* , Volume 21, Número 2 (2011), resumo.

..